



O desenvolvimento musical do bebê nos dois primeiros anos de vida: um estudo exploratório

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Dalila Mayara Silva

Universidade Federal de Minas Gerais - dalilamayara@yahoo.com.br

Betânia Parizzi

Universidade Federal de Minas Gerais - betaniaparizzi@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa é um estudo exploratório com objetivo de identificar os principais fatores que influenciaram o desenvolvimento musical de um bebê do nono ao décimo sexto mês. Foram utilizados vídeos caseiros e filmagens das aulas de música. Para as análises, foi elaborado um protocolo de avaliação do desenvolvimento musical do bebê. Os resultados confirmam os pressupostos dos teóricos estudados: a educação musical formal precoce, o contexto familiar rico musicalmente e a atuação da família são determinantes para desenvolvimento musical do bebê.

Palavras-chave: Desenvolvimento musical. Educação musical de bebês. Estímulo familiar.

Baby's Musical Development in the First Two Years of Life: an Exploratory Study

Abstract: This research is an exploratory study that aimed to identify the main factors that influenced musical development of a baby from the ninth to the sixteenth month of life. Home videos and videotapes of the music lessons were used. For analysis, an evaluation protocol of the baby's musical development was prepared. The results confirm the assumptions of the theoretical studies: Early formal music education, rich family musical context, and family involvement are determinant for baby's musical development.

Key words: Musical development. Babies' musical education. Family stimulus

1. Introdução

Nas últimas décadas, cientistas de diversas áreas têm se dedicado a estudar o desenvolvimento musical que acontece desde a primeira infância. A expressão *desenvolvimento musical* pode ser pensada como um conceito multifacetado, como elucidada ILARI (2009):

Por um lado, podemos pensar no desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical dos bebês, crianças e adolescentes, de maneira mais ou menos espontânea, isto é, pela exposição cotidiana aos sons e à música da cultura da qual fazem parte. Por outro, podemos pensar em desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical em virtude da educação musical formal que as crianças recebem por meio de aulas de música em escolas e conservatórios. Também podemos pensar em desenvolvimento musical tendo por base o aprimoramento de habilidades em atividades específicas da área de música como cantar, tocar, ou compor uma canção dentro da estética de um gênero ou cultura em particular (ILARI, 2009: 25,26).

A autora explica ainda que “o que há em comum entre todas essas definições é a ideia de transformações que ocorrem no fazer musical no decorrer do tempo” (ILARI, 2009: 26).

No passado, os bebês eram vistos como seres passivos e incompetentes. John Locke (1632 - 1704) afirmava que o bebê, quando nasce, é uma “tábula rasa”, um quadro em branco. Ao contrário disso, o bebê, desde seu nascimento se mostra um ser ativo que possui diversas competências, inclusive musicais.

Desde o ambiente intrauterino, o bebê escuta diversos sons. Diversas pesquisas mostram que o bebê possui memória musical de seu período pré-natal. Bebês expostos à música durante a gravidez exibem mudanças em batimentos cardíacos e movimentos corporais quando a mesma música é tocada após o nascimento (HEPPER, 1991; WILKIN, 1995 apud ILARI, 2002, 2009). Os bebês demonstram, desde o nascimento, capacidade auditiva de perceber alturas (sons graves e agudos), possuem relação afetiva com contornos melódicos, distinguem ritmos contrastantes e os associam a diferentes atividades do dia a dia. Durante o primeiro ano de vida, os bebês já mostram preferência e memória musical de longo prazo (ILARI, 2002, 2009). Para Sloboda (2008: 262), é durante o primeiro ano de vida que o bebê começa a evidenciar um início de consciência musical, distinguindo sons musicais de sons não musicais.

Portanto, o bebê, desde seu nascimento, é um ouvinte sofisticado e muito competente. Como afirma Ilari (2009: 40), “a ciência já mostrou que bebês e crianças pequenas são músicos competentes, que ouvem, memorizam, cantam, dançam, se divertem (e também se aborrecem) com as músicas que aprendem com os adultos”. Suas capacidades devem ser estimuladas, então, o mais cedo possível, respeitando-se os limites da criança.

Edwin Gordon (1925-2015), pesquisador do campo da psicologia da educação musical, em sua Teoria da Aprendizagem Musical (GORDON, 2008) afirma que a oportunidade de aprendizagem musical deve ser oferecida desde o nascimento, pois, segundo ele, “nosso potencial para aprender música nunca é tão elevado como no momento em que se nasce, e a partir daí diminui gradualmente” (2008: 5).

Assim sendo, quanto mais cedo os pais e/ou educadores oferecerem experiência musicais ricas e diversificadas à criança, melhor aproveitamento ela terá em sua educação musical futura. O autor ressalta a importância da variedade e riqueza no repertório musical ouvido pela criança. Para Gordon, “quanto mais variada for a música que as crianças ouvem, isto é, quanto mais rico for o ambiente em tonalidades, harmonia e métricas, e quanto mais encorajadas as crianças forem a interagir com aquilo que ouvem [...], maior será o proveito que tiram” (2008: 49).

O compositor e educador François Delalande (1941) também realizou importantes estudos sobre o desenvolvimento musical na infância inicial e ampliou a concepção a respeito

da música produzida pela criança pequena. Delalande entendia que a educação do ouvido da criança pequena deveria ir além do tonalismo, devendo esse campo ser ampliado para, por exemplo, músicas não europeias e músicas contemporâneas (1995: 8).

Acerca do aprendizado, Vygotsk (1896-1934) afirma que este acontece, de forma plena, quando mediado por outros indivíduos, dentro de um mesmo contexto cultural. O autor acreditava que crianças, quando auxiliadas por adultos ou por outras crianças mais experientes poderiam atingir níveis de desenvolvimento superiores ao que conseguiriam agindo isoladamente (VYGOTSKY, 1991).

No contexto da educação musical para bebês, o professor assume essa função de mediador das atividades, para que o bebê possa chegar ao seu *desenvolvimento potencial*¹. Os pais também assumem esse papel de mediadores, de forma intuitiva, por meio da “parentalidade intuitiva”, que se expressa na fala dirigida ao bebê através de um conjunto de características claramente musicais que podem ser analisadas em termos formais, rítmicos, melódicos, timbrísticos, contrapontísticos, etc. (SHIFRES, 2007: 15).

Piaget (1896-1980) publicou vários estudos sobre a psicologia da criança e desenvolveu uma teoria que descreve o desenvolvimento espontâneo da inteligência prática, baseada na ação. Fica claro em sua obra que o desenvolvimento cognitivo não se dissocia do afetivo e do social. Para Piaget, afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes (1987/ 1966). Os esquemas afetivos levam à construção do caráter e os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência (FARIA, 1998: 8).

Os esquemas consistem num conjunto de ações interligadas que formam uma totalidade organizada, que funciona por si mesma (FARIA, 1998: 9). Wadsworth (1993: 2) os define como um conjunto de registros dentro do sistema nervoso que constituem “estruturas internas das quais brota o comportamento”. Os esquemas podem ser criados, ampliados, modificados ao longo da vida. Seu grau de refinamento reflete o nível de compreensão que a pessoa tem do mundo (1993: 2). Conforme afirma Santos (2013: 24), segundo a teoria de Piaget, podemos concluir que:

Desde o nascimento até os vinte e quatro meses, a criança se exercita e conseqüentemente se desenvolve. A partir de reflexos inatos e casuais, as estruturas cognitivas – os esquemas comportamentais – são edificadas, ampliadas e modificadas, graças aos processos de desenvolvimento [...] (idem).

Diante deste quadro, o objetivo geral desta pesquisa foi estudar o desenvolvimento musical de um bebê, doravante denominado Miguel², do nono ao décimo sexto mês de vida e identificar os principais determinantes deste desenvolvimento. Os

objetivos específicos foram: revisar a literatura sobre o desenvolvimento musical nos dois primeiros anos de vida; e desenvolver, para esta faixa etária, um protocolo de avaliação do desenvolvimento musical do bebê.

2. Metodologia

Este trabalho constitui uma pesquisa exploratória, desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de graduação em Música – Licenciatura, da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo propósito foi aferir o desenvolvimento musical do bebê Miguel do nono ao décimo sexto mês de vida e discernir os fatores que levaram a este desenvolvimento.

Segundo Gil (2002: 42), enquadram-se na categoria dos estudos exploratórios todos aqueles que buscam investigar ideias e intuições dos pesquisadores, com o objetivo de lhes proporcionar maior familiaridade e conhecimento sobre o fenômeno pesquisado. Gil (2002: 41) afirma ainda que o planejamento desta metodologia de pesquisa é bem flexível e possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos. Pesquisas atuais sobre o desenvolvimento musical de bebês (ILARI, 2002, 2009; BEYER, 2004, 2005; PARIZZI, 2009; CARNEIRO, 2006; SANTOS, 2013) têm privilegiado a observação, a análise qualitativa de dados, levantamentos de experiências e estudos de casos selecionados.

Miguel, o bebê estudado nesta pesquisa, iniciou sua educação musical formal no Centro de Musicalização Integrado (CMI) da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, aos 9 meses de idade. Durante o período da pesquisa, teve aulas de música semanais, com duração de 30 minutos, na companhia de dois outros bebês da mesma faixa etária.

As crianças frequentavam a aula com o responsável, que é orientado a interagir com a criança através das atividades musicais propostas pelo professor. O bebê participante da pesquisa ia às aulas com sua mãe. As aulas eram planejadas buscando proporcionar ricas experiências musicais aos bebês: exploração vocal, balbucios; cantos rítmicos e melódicos; utilização de instrumentos como maracas, pequenos tambores, pequenos pandeiros, xilofones, metalofones, violão, piano, etc.; atividades com música e movimento (inicialmente com os bebês no colo e, posteriormente, no chão, após terem aprendido a andar).

Coleta de dados e protocolo

As aulas foram registradas por meio de vídeos e analisadas pela pesquisadora. Foram também analisados vídeos caseiros, a fim de observar o comportamento musical do bebê também em seu ambiente natural. Deste material, doze vídeos foram selecionados para análise: três da faixa etária de **9 e 10 meses**, três da faixa etária de **12 e 13 meses**, três da faixa etária de **14 e 15 meses** e, finalmente, três da faixa etária de **16 meses**. Optamos pela “amostragem por tipicidade” (LAVILLE; DIONNE, 1999), selecionando os vídeos que evidenciavam comportamentos musicais mais típicos e representativos do bebê.

O Protocolo de Avaliação do Desenvolvimento Musical do Bebê de Zero a Dois Anos, apresentado a seguir, foi elaborado a partir do Protocolo de Avaliação do Desenvolvimento Musical de dois a seis anos (PARIZZI et al., 2013), e a partir do referencial teórico sobre desenvolvimento musical do bebê propostos por Parizzi (2009), Gordon (2008), Kenney (2008) e Carneiro (2006). O modelo exposto, já preenchido a partir da análise dos vídeos, expõe o desenvolvimento musical do bebê participante, do nono ao décimo sexto mês de idade.

	9 e 10 meses	12 e 13 meses	14 e 15 meses	16 meses
FONTE EXPRESSIVA – VOZ				
Explora fonte sonora “voz” (brinca com tessituras vocais)		X	X	X
Apresenta balbúcius musicais (rítmicos ou melódicos)		X	X	X
Apresenta vocalizações visando o canto			X	X
FONTE EXPRESSIVA – CORPO e/ou INSTRUMENTO				
Cria estratégias para fazer continuar sons agradáveis - bate palma, chuta e balança objetos, chama a música, etc.		X	X	X
Apresenta gestos livres a partir da audição de obras musicais		X	X	X
Tenta combinar os próprios movimentos ao ritmo da música		X	X	X
Imita o gesto do professor			X	X
Demonstra interesse em explorar as fontes sonoras	X	X	X	X
Apresenta movimentos variados e expressivos		X	X	X
Apresenta gestos rítmicos regulares (palmas, balanços do corpo – cabeça, pés, braços) a partir de audição de obras musicais ou do canto		X	X	X
Demonstra pulso interno	X	X	X	X
Demonstra Regulação temporal (Pulsção)		X	X	X
Realiza o Apoio			X	X
Realiza o Ritmo real			X	X
Realiza Ostinatos		X	X	X
Percebe e se adequa a mudanças de andamento		X	X	X
Realiza contrastes de intensidade (ao tocar o instrumento)				X
APRECIÇÃO				
Acompanha com olhar as fontes sonoras	X	X	X	X
Observa o canto e/ou os gestos do professor (e ou da mãe)	X	X	X	X

Tabela 1: Protocolo de Avaliação do Desenvolvimento Musical do Bebê de Zero a Dois Anos (SILVA, 2015).

3. Resultados

A partir da análise do protocolo, foi possível identificar um notável e gradativo desenvolvimento musical do bebê Miguel durante o período estudado.

Aos **9** e **10** meses, Miguel demonstra interesse pelas fontes sonoras e as acompanhava com o olhar. Notamos também que o bebê apresentava pulso interno, ou seja, seu “tempo” ainda não se ajustava ao tempo (pulsção) das músicas ouvidas.

Aos **12** e **13** meses de idade, o bebê apresentou um desenvolvimento musical significativo no bebê. As manifestações vocais de Miguel passaram por mudanças expressivas. Ele passou a explorar mais a voz, brincando com as tessituras vocais, utilizando níveis extremos nessa exploração. Seu desenvolvimento foi compatível com crianças entre 8 e 18 meses, como aponta Kenney (2008). Ainda nesta mesma fase, Miguel demonstrou considerável desenvolvimento rítmico, utilizando as fontes expressivas corpo e/ou instrumento. Ele utilizou estratégias para fazer continuar sons que lhe interessavam. Nesta fase, Miguel realizou movimentos variados e expressivos ao ouvir uma obra musical (GORDON, 2003: 73), e tentou combinar os próprios movimentos ao ritmo da música, o que é esperado de uma criança de 8 a 18 meses segundo Kenney (2008).

Sua principal aquisição rítmica nesse período foi a capacidade de “regulação temporal”³, esperada entre os 18 meses e 3 anos de idade, segundo Kenney (2008) e, mais frequentemente, observada a partir dos dois anos de idade (idem). Miguel, entretanto, adquiriu essa capacidade aos 12 meses de idade, muito antes do esperado. Além disso, desde os 12 meses, o bebê Miguel já começou a ter reações intencionais em relação ao meio. Suas respostas nessa idade já não eram mais aleatórias ao meio, mas repletas de intencionalidade (GORDON, 2008). Segundo Gordon (2008), espera-se que a criança entre na fase de “resposta intencional” dos 18 aos 36 meses de idade. Todavia, o bebê antecipou-se em relação à previsão apresentada pelo teórico.

Acreditamos que isso se deve à intensa estimulação que recebeu no ambiente das aulas, com “atividades de exploração e manipulação de tambores e instrumentos de balançar”, como propõe Carneiro (2006: 80), que “*convidam* a essa expressão rítmica” (idem) e também à estimulação que recebeu no ambiente familiar.

Beyer (2008) aponta a importância do envolvimento familiar para o desenvolvimento musical do bebê, tanto nas aulas, como em casa. Assim como pais e mães têm se mostrado “professores competentes” (PARIZZI; CARNEIRO, 2011: 90) da língua materna e como mediadores culturais, eles também o são no que diz respeito ao

desenvolvimento musical do bebê. Neste aspecto, salientamos o comportamento da mãe de Miguel, que atuou durante as aulas como mediadora entre o filho e a música. Tal atitude foi fundamental para que o aprendizado acontecesse de forma plena, como apontado por Vygotsky (1991).

Aos **14 e 15** meses de idade, Miguel demonstrou outros avanços significativos em seu desenvolvimento musical. Apresentou vocalizações visando o canto (PARIZZI, 2013). Passou a imitar o gesto da professora ao invés de apenas repetir movimentos que lhe trouxeram satisfação (PIAGET, 1987/1966).

Nesta fase, Miguel começou a realizar “apoio”⁴ e “ritmo real”⁵ das obras musicais ouvidas em aula, tanto com a voz, como com instrumentos musicais. A aquisição desta capacidade rítmica é esperada aos 3 anos de idade, como aponta Kenney (2008).

Finalmente, aos **16** meses, é notório o domínio e a segurança que Miguel apresentou para realização dos parâmetros rítmicos contemplados no protocolo, muitos deles que vão além da sua faixa etária, como vimos até aqui. Seu pulso já estava totalmente regulado e já realizava “ritmo real” das canções com segurança em diversas músicas. Fica claro que Miguel já tinha adquirido importantes esquemas motores que lhe proporcionaram certo domínio sobre este ambiente, como afirma Delalande (1995: 17). A nova aquisição desta fase foi a capacidade de realização de contrastes de intensidade. Miguel, então, aos **16** meses, adquiriu os esquemas (PIAGET, 1987/1966) necessários para realização deste tipo de contraste ao tocar instrumentos musicais.

4. Considerações finais

Os resultados obtidos apontam para um expressivo desenvolvimento musical do bebê Miguel período estudado. Em relação a importantes parâmetros musicais, *altura* e, principalmente, *duração*, entendemos que Miguel apresentou um desenvolvimento musical precoce, anterior às fases previstas pela literatura.

Diante dos resultados, é possível inferir que a educação musical formal, iniciada aos 9 meses de vida, orientada por um profissional, um ambiente musical rico e diversificado, nas aulas e em casa, e a mediação constante da mãe de familiares em relação à estimulação musical da criança, sejam os principais determinantes deste expressivo desenvolvimento musical do infante.

A participação ativa dos pais e cuidadores no processo de educação musical deste bebê foi definitiva e fulcral. A atuação da mãe de Miguel, no exercício da “parentalidade

intuitiva” foi essencial para que o desenvolvimento do filho ocorresse de forma tão intensa. O seu comportamento intuitivo foi estimulado, reforçado e valorizado pela educadora, fato que certamente a encorajou a ir adiante e a perceber a relevância e sua atuação.

Ressaltamos a relevância da educação musical orientada por um profissional, devidamente qualificado, desde os primeiros meses de vida, pois esta tem caráter essencial na formação musical do sujeito. Mas para ser capaz de realizar um trabalho sério e consciente, é necessário que o educador conheça as possibilidades pedagógicas da educação musical para esta faixa etária, e como acontece o desenvolvimento do bebê nesta etapa da vida. Salientamos então a importância de disciplinas que abordem a Educação Musical na primeira infância no contexto dos cursos de Licenciatura em Música. Esperamos que estes cursos se mobilizem ainda mais em direção à abordagem deste tema tão relevante.

Destacamos, como contribuição significativa desta pesquisa, o Protocolo desenvolvido durante esta investigação, que poderá ser testado e utilizado em outras pesquisas que envolvam o desenvolvimento musical do bebê.

Esperamos que esta pesquisa possa valorizar a educação musical desde os primeiros meses de vida e mobilizar pais e educadores a oferecerem aos bebês experiências musicais ricas e uma educação musical de qualidade.

Referências:

- BEYER, Esther. A importância da interação no desenvolvimento cognitivo musical: um estudo com bebês de 0 a 24 meses. Anais do SIMCAM - Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, São Paulo: USP/FFLCH, 2008, p. 271-276.
- BEYER, Esther. Do balbucio ao canto do bebê em sala de aula. In: Anais do 1º Simpósio Internacional de Cognição em Artes Musicais. Curitiba: Deartes, 2005.
- BEYER, Esther. Som e movimento: a influência da música nas ações motoras dos bebês. Anais do XIII Encontro Anual da ABEM. Rio de Janeiro: ABEM, 2004.
- CARNEIRO, Aline Nunes. Desenvolvimento musical e sensorio-motor da criança de zero a dois anos: Relações teóricas e implicações pedagógicas. Dissertação de mestrado – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- DELALANDE, F. La música es un juego de niños. Ricordi Americana S. A.E.C. Buenos Aires. 1995.
- FARIA, Anália R. de, Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1998. 144p.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas Editora, 2002.
- GORDON, Edwin E., Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. 3ª edição revista e aumentada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 182p.
- ILARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. In: Revista da ABEM, n. 7, set, 2002.
- ILARI, Beatriz Senoi. Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: Ibipex, 2009.

- KENNEY, Susan. Birth to six: Music Behaviors and How to Nurture Them. *General Music Today*. Volume 22(1). Out/ 2008.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PARIZZI, Betânia, CARNEIRO, Aline. Parentalidade Intuitiva e Musicalidade Comunicativa: conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida. In: *Revista da ABEM*, n. 25, 2011.
- PARIZZI, M. Betânia et. al. *Música para a Saúde do bebê*. In: *Seminário Internacional sobre o bebê*. Instituto Langage: Paris, 2013.
- PARIZZI, M. Betânia. *O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos: um estudo a partir do canto espontâneo*. 2009. 226f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2009.
- PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. 4ªed. Rio de Janeiro: LTC, Científica Editora S.A. 1987/1966.
- SANTOS, Marcy de Lima. *As características musicais da comunicação entre adulto e bebê e suas implicações no desenvolvimento cognitivo musical da criança no primeiro ano de vida – 2013*. 112 f., enc. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, Belo Horizonte, 2013.
- SHIFRES, Favio. *La ejecución parental: los componentes performativos de las interacciones tempranas*. *Anais do VI encontro da SACCOM: Universidade de La Plata, Argentina, 2007*, p. 13-17.
- SILVA, Dalila Mayara. *O desenvolvimento musical do bebê de zero a dois anos de idade: um estudo exploratório*. 67f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, 2015.
- SLOBODA, John. *A mente musical: a psicologia cognitiva da música*. Londrina: Editora da Eduel, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Jean Piaget*. São Paulo: Pioneira Editora, 1993.
- WILLEMS, Edgar. *Iniciação musical das crianças*. Tradução Portuguesa. Lisboa: s/e. 1960.

Notas

¹ O nível de desenvolvimento potencial pode ser atingido quando a criança consegue realizar uma atividade com a intervenção de um adulto ou de um colega que já está em um estágio superior de desenvolvimento em relação ao seu (VYGOTSKY, 1991: 96).

² Nome fictício da criança que foi objeto desta pesquisa.

³ Bebês, a partir de sete meses, costumam reagir à audição de obras musicais, balançando o corpo com movimentos regulares. Entretanto esse movimento regular não tem relação com o pulso da obra ouvida. Trata-se de movimento singular e particular de cada criança (CARNEIRO, 2006).

⁴ Pulsação mais forte que define, a partir da sua regularidade, o compasso de uma obra musical (WILLEMS, 1960).

⁵ Relação entre as durações dos sons de uma obra musical (WILLEMS, 1960).